



# DIÁRIOS DE LISBOA

MAI 2026 ~ Número 2  
Trimestral - Distribuição Gratuita



BAIROS e ZONAS  
de Intervenção  
Prioritária de Lisboa



# O BAIRRO REVELADO PELO "BURACO DA AGULHA"

Os trabalhos dos "Diários de Lisboa" continuam, no Centro de Desenvolvimento Comunitário do Bairro dos Lóios, em Marvila, onde o grupo de seniores que integra o projeto aceitou o desafio de olhar o seu quotidiano através de uma lente diferente, mais precisamente, através de um pequeno orifício (buraco de agulha): a fotografia estenopeica, conhecida também como pinhole.

A atividade começou com uma escolha simples, mas profundamente significativa: decidir o que fotografar. Entre ruas conhecidas, fachadas familiares e os edifícios onde vivem, cada participante traçou um percurso visual íntimo, reforçando a sua ligação ao território e às suas memórias que nele habitam.

Munidos de câmaras estenopeicas artesanais, construídas em madeira, saíram para o bairro com curiosidade renovada. Entre conversas, risos e momentos de concentração, procuraram o enquadramento certo, experimentando o tempo e a luz de forma paciente. A ausência de visor imediato transformou cada gesto num exercício de confiança e descoberta.

O processo continuou no laboratório, onde a magia da fotografia analógica ganhou forma. Na câmara escura, entre líquidos, contagens de tempos e silêncios atentos, os participantes acompanharam o surgimento das imagens em papel, primeiro como negativos, depois como fotografias positivas. Cada revelação trouxe surpresa, entusiasmo e um sentido de conquista partilhado.

As imagens captadas ao longo desta atividade mostram mais do que lugares, revelam pessoas em processo, envolvidas, curiosas e atentas. Vemos mãos que seguram câmaras, olhares que procuram ângulos, escuta ativa perante novas aprendizagens, e a delicadeza do gesto e surpresa ao revelar uma imagem.

Estas fotografias documentam, não só uma experiência artística, mas também um momento de encontro, aprendizagem e valorização pessoal, onde o tempo desacelera e o olhar se reinventa.

Ana Pinto Martinho



## CORPO DA IMAGEM

Construímos os nossos diários visuais como objetos únicos, onde a fotografia deixa de ser apenas imagem para se tornar narrativa. Através da encadernação artesanal, pensamos, montamos e organizamos cada álbum, num processo que cruza escolha, edição e composição.

Mais do que reunir fotografias, decidimos o que guardar, o que excluir e como ordenar o tempo para dar sentido às nossas memórias. As imagens deixam de existir isoladas e passam a construir um discurso, íntimo, pessoal, feito dos lugares que habitamos e das histórias que carregamos connosco.



# IMAGEM COMO PROCESSO

No âmbito do Diários de Lisboa, os fotógrafos do projeto, em coautoria com os participantes, estão a desenvolver propostas que partem de um eixo comum: a relação entre a memória antiga e a memória em construção. As abordagens têm sido diversas e revelam diferentes formas de pensar o ato fotográfico como processo partilhado. Em alguns casos, optou-se pela entrega de câmaras descartáveis aos participantes, transferindo para eles a liberdade do olhar.

Noutros contextos, o trabalho desenvolve-se a partir das atividades diárias no centro comunitário, explorando rotinas, relações e dinâmicas coletivas.

Há ainda propostas que se expandem para o espaço público, através de percursos no bairro, onde o registo incide sobre a interação entre as pessoas e o território.

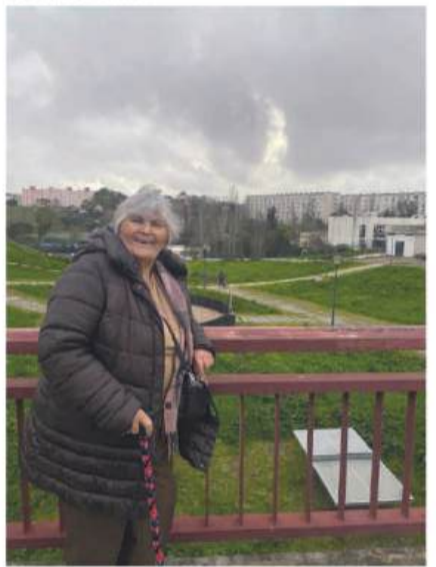
Paralelamente, alguns participantes e fotógrafos têm vindo a trabalhar a partir das memórias impressas nos álbuns de família, revisitando imagens existentes como ponto de partida para novas leituras e interpretações.

Este conjunto de práticas não procura uma narrativa única, mas antes um campo de possibilidades. O que está em causa não é apenas o que se fotografa, mas como e com quem se constrói a imagem. Entre memórias herdadas e experiências atuais, os projetos em curso afirmam a fotografia como ferramenta ativa de leitura, participação e registo do real.

Victor Simões  
Luísa Fonseca



Olivia Matos  
Susana Valle



Benilde Domingues  
Ana França



María Amélia Borgueira  
João Vasco



Conceição Rosa  
Tânia Carmo



José Augusto  
Bruno Mendes



Marcelina Manuel  
Rita Tirapicos



Maria Rosa Martins  
Margarida Louro



Zaida Pires  
Tânia Araújo



### ENTRE MEMÓRIAS E LUZ: QUANDO A FOTOGRAFIA DEVOLVE A VOZ



No coração do Bairro dos Lóios, em Lisboa, está em marcha um movimento discreto, mas transformador. Entre fotografias antigas, memórias resgatadas e experiências inéditas, um grupo de seniores, que integra o projeto "Diários de Lisboa", redescobre não apenas imagens, mas também a própria voz. O projeto nasce na continuação do "Diários de Marvila", iniciado em 2021, mas rapidamente ganha uma dimensão própria, deixando de ser apenas sobre fotografia e tornando-se um espaço de encontro entre passado e presente.

Teresa Vasques, animadora sociocultural no Centro de Desenvolvimento Comunitário do Bairro do Lóios, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, acompanha de perto este processo e recorda com brilho nos olhos o momento em que os participantes entraram pela primeira vez numa câmara escura. "Foi magia pura", diz. "Ver as pessoas a trazerem os seus objetos, a irem às suas casas, a escolherem o que tinham na mala porque era importante para elas. Depois, meter o papel na água e de repente aparecer uma imagem!"

A comunidade de utentes do Centro de Dia é diversa, são 78 pessoas com idades entre os 62 e os 94 anos, com histórias distintas e diferentes níveis de autonomia. Mas há um traço comum que se destaca: a curiosidade. "São pessoas que gostam de fazer coisas diferentes", explica Teresa. E é precisamente essa abertura que alimenta o sucesso do projeto.

Mais do que aprender técnicas, os participantes são convidados a visitar as suas próprias vidas. Fotografias guardadas há décadas voltam à luz, histórias são partilhadas em torno de uma mesa, e o bairro, já transformado pelo tempo, reaparece como cenário de emoções antigas. No exercício do "Mapa Emocional", cada lugar torna-se um ponto de ligação entre o que foi e o que ainda se sente.

Há momentos que ficam como aquele em que numa tarde de conversa à volta da mesa, enquanto o grupo falava sobre o bairro de antigamente, as quintas que já não existem, os cheiros que ficaram só na memória, uma das utentes disse apenas três palavras. Três palavras sobre liberdade. Ninguém sabia ao certo o que carregavam e ainda estão a descobrir como fotografá-las. Ou o caso de outro dos utentes, que, com uma máquina fotográfica nas mãos, encontra uma nova forma de afirmação pessoal. Pequenos gestos que revelam algo maior: o impacto silencioso da valorização.

Os álbuns que estão a construir, costurados à mão, mesmo por quem dizia não saber costurar, são já uma prova de que o impossível tem uma curva de aprendizagem curta quando existe motivação. O que acontecerá a estes trabalhos depois do projeto terminar, são os próprios utentes que vão decidir, em conjunto. Mas Teresa é clara: "O que aqui estão a fazer, o que daqui sair, não pode cair no esquecimento."

Ana Pinto Martinho



#### O LUGAR DE MEMÓRIA DE TERESA VASQUES

A Praça Raúl Lino, carinhosamente chamada de "o Largo" pelos habitantes do bairro, é, para Teresa Vasques, um dos seus lugares de memória. Teresa diz que, desde que aqui chegou em 2014, este espaço passou a ocupar um lugar especial para si: "o Largo, num dia de sol, é das coisas mais maravilhosas, porque vemos a reunião das pessoas, as pessoas a convergirem para o Largo, as pessoas a conversar; é uma imagem que me ficou". É no Largo que se fazem as festas comunitárias, a maior parte dos acontecimentos na comunidade do Bairro dos Loios tem ali lugar. "Sítios como este fazem falta, porque aqui no bairro sinto mesmo que aquele lugar é especial, é um lugar onde as pessoas se encontram, é um espaço aberto, onde se encontram pessoas de todas as idades, desde os mais pequenos a brincar aos mais velhos a conversar", acrescenta.



## DO REAL AO IMAGINADO

Daqui a 100 anos, imagino Carnide como um território onde tradição e tecnologia coexistem num equilíbrio sofisticado. O bairro mantém a sua identidade histórica — as ruas antigas, a memória comunitária, os espaços de convivência — mas tudo opera sobre uma infraestrutura inteligente, invisível e altamente automatizada.

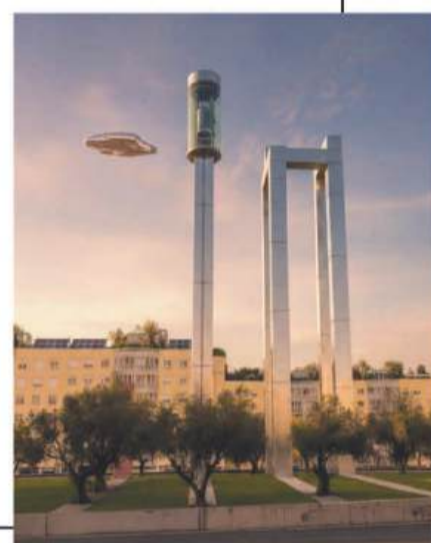
Os robôs fazem parte do quotidiano, mas não como figuras invasivas. São assistentes urbanos: realizam manutenção das ruas durante a madrugada, tratam de jardins, apoiam idosos e distribuem encomendas de forma silenciosa. Nas escolas, robôs pedagógicos personalizados adaptam o ensino ao perfil cognitivo de cada aluno. Na igreja, ajudam quem pretende suporte espiritual.

Por outro lado, o transporte transforma radicalmente o espaço aéreo. Pequenas naves aerotransportadas elétricas, silenciosas e autónomas cruzam os céus de Carnide em corredores bem definidos. Funcionam como táxis aéreos partilhados, reduzindo drasticamente o trânsito terrestre. Plataformas de aterragem integram-se nos topos dos edifícios e em parques elevados. A mobilidade deixa de ser horizontal e passa a ser tridimensional.

Apesar de toda a tecnologia, o centro da vida continua humano. Mercados locais utilizam holografia para apresentar produtos, mas mantêm o contacto direto entre produtores e moradores. A memória histórica do bairro é preservada digitalmente através de arquivos imersivos onde qualquer pessoa pode "visitar" Carnide do passado.

Neste futuro, Carnide não é apenas um bairro tecnologicamente avançado — é um modelo de integração entre inovação e identidade. Um lugar onde robôs e naves aerotransportadas não substituem as pessoas, mas ampliam a qualidade de vida, mantendo viva a essência comunitária que sempre definiu o território. Depende de nós fazermos as escolhas certas para tornar este futuro possível.

*Teresa Almeida*



## DO CONCEITO À IMAGEM

Saímos para o bairro com propostas concretas: testar enquadramento, luz, ritmo e relação com o espaço. Cada exercício funciona como ponto de partida, uma forma de transformar conceitos técnicos em decisões no momento de fotografar.

Neste processo, cada imagem resulta de uma escolha consciente. Experimentamos, ajustamos e repetimos, afinando o olhar e percebendo como a teoria se traduz na prática, na observação direta do que nos rodeia.





Antigamente a fotografia era um acto solene! Para se ir tirar uma fotografia era necessário dirigirmo-nos a uma casa especializada, daquelas que tinham um estúdio e um fotógrafo que fazia magia com a sua lente! Vestiam a melhor roupa, arranjavam o cabelo, marcavam um dia na vida só para este momento. Normalmente eram fotografias que marcavam um momento especial, a celebração de um dia que queríamos que ficasse eternizado para sempre. Estes são os meus pais, Pombalina Araújo e Nuno Araújo, já não estão junto de mim, mas esta fotografia faz com que eu os recorde como eles eram e quero acreditar que a fizeram para celebrar um momento bonito! Como posso contar a narrativa que eu imagino, acredito que fizeram esta fotografia quando namoravam e antes do meu pai ter ido para a guerra colonial, para a Guiné em 1972. A dedicatória na parte de trás da fotografia que a minha mãe escreveu, serviu para ele ler sempre que se sentisse só e pudesse mostrar que quando voltasse estava o seu amor à sua espera.

Tânia Araújo

## ENTRE O QUE VEMOS E O QUE AINDA NÃO EXISTE

# MANIFESTO

Este projeto nasce de uma convicção simples: trabalhar a cidade de Lisboa. Uma cidade em construção permanente, nas ruas, nas pessoas, nas imagens que ainda não foram feitas e naquelas que, sendo revisitadas, ganham novas leituras. O *Diários de Lisboa* não é um registo neutro. É um formato ativo de memória, de leitura e de criação, um espaço onde a fotografia deixa de ser apenas representação para se tornar ferramenta de pensamento, de encontro e de transformação.

Trabalhámos, neste período, a partir de práticas concretas. A fotografia estenopeica, mais conhecida como pinhole, funcionou em Marvila como gesto essencial, devolvendo-nos ao tempo longo, à espera e à construção consciente da imagem. Obrigou-nos a ver antes de olhar, a compreender que cada fotografia é uma escolha e não um reflexo automático. Fotografamos os lugares que habitamos. As saídas fotográficas, de carácter formativo, colocam-nos no território não como observadores distantes, mas como participantes. A cidade é experienciada a pé, em diálogo e em confronto com o que existe e com o que resiste. A encadernação artesanal dos diários visuais transformou a imagem em objeto e deu corpo ao processo. Cada diário é um arquivo singular, pessoal, táctil, vivido, onde o tempo da imagem se acumula e se fixa.

O trabalho desenvolvido entre fotógrafos voluntários e os participantes do Centro de

Desenvolvimento Comunitário do Bairro dos Lóios reforça aquilo que está no centro deste projeto: a fotografia como prática partilhada. Aqui, não há hierarquia entre quem fotografa e quem é fotografado, há construção coletiva de olhar, de narrativa e de pertença. No eixo *Do Real ao Imaginado*, o projeto *Carnide do Futuro* abre uma outra possibilidade: usar a imagem não apenas para documentar, mas para projetar. Imaginar futuros como forma de questionar o presente e criar ficções visuais que revelam tensões, desejos e ausências.

Este é, portanto, um projeto sobre o tempo: o tempo que se observa, o tempo que se constrói e o tempo que se imagina. Mas é também um projeto sobre responsabilidade. Fotografar não é inocente. Escolher o que mostrar e como mostrar é sempre um ato político. O *Diários de Lisboa* assume essa posição. Recusa a imagem como consumo rápido e recusa a cidade como cenário.

Propõe, em alternativa, um espaço onde ver implica pensar, onde fotografar implica envolver-se e onde cada imagem é parte de uma narrativa maior, coletiva, inacabada. Mais do que um arquivo, este projeto quer ser um movimento. Mais do que um jornal, o *Diários de Lisboa* quer afirmar-se como processo. Porque a cidade que vemos hoje depende, em grande medida, das imagens que decidimos construir.

Movimento de Expressão Fotográfica